

Editorial

As possibilidades técnicas digitais e os usos que as pessoas têm feito delas, têm gerado outras possibilidades não esperadas e/ou desautorizadas, ampliando-as no sentido de interferir e gerar demanda para a produção midiática contemporânea e, conseqüentemente, para a educação formal, informal e não-formal.

Ao mesmo tempo, a sociedade contemporânea tem efeitos de duas revoluções tecno-sociais: a industrial e a pautada nas tecnologias digitais. Ambas geraram e geram transformações nos diversos âmbitos da vida social, política, econômica, cultural. A última revolução, pautada nas tecnologias digitais, tem a informação como uma das suas bases, afetando diferentes setores da sociedade (produtivo, ensino, governamental e terceiro setor).

Nesse processo, exclusão social e informacional estão presentes e convivem com uma efervescência de criações, interações, múltiplos espaços e tempos de produções de informações, conhecimentos, e subjetividades. O aumento do fluxo de mensagens, de acesso à informação, de espaços de sociabilidades e de participação social possibilitam, portanto, múltiplos espaços de aprendizagens, de produções de subjetividades e de ensino.

Estamos em um momento de transição, no qual as mídias, como as conhecemos, estão sendo reinventadas. Um novo sistema está surgindo. A cultura de antes, baseada em espectadores e em espetáculos com papéis bem definidos entre quem faz e quem assiste, dá lugar a um sistema muito mais complexo que é a era participativa e que talvez possamos chamar prematuramente de cultura baseada no entretenimento.

Neste sentido, em seu livro lançado em 2012 na França, denominado "Polegarzinha", Michel Serres apresenta interessantes análises dos adolescentes que com os polegares enviam mensagens SMS em aparelhos digitais móveis – celular, smartphone, tablet –; se comunicam, se

relacionam, acessam informações diversas, brincam, produzem textos, imagens e vídeos na internet.

Para Michel Serres, a polegarzinha e o polegarzinho culturalmente não têm mais nada a ver com seus antepassados: não tem mais a mesma cabeça, estão muito mais aptos a manipularem várias informações ao mesmo tempo, pois se acostumam a abrir múltiplas janelas em aparelhos digitais, acessam conhecimento em quase qualquer local e o compartilham com pessoas em espaços e tempos diferentes.

Desta forma, interessante nos perguntarmos como a polegarzinha e o polegarzinho se sentem e se relacionam com a escola que oferecemos e que muito pouco tem a ver com as transformações tecnológicas, sociais, culturais, políticas e, sobretudo, de acesso, produção e socialização de conhecimentos no mundo contemporâneo. Ou seja, a escola e seus processos pedagógicos são de momento histórico que a polegarzinha e o polegarzinho não são mais, foram produzidos para sociedades em que o acesso a informação era difícil e que produzir e socializar conhecimentos eram para poucos.

A polegarzinha e o polegarzinho sabem que o conhecimento dos professores, antes guardados a chaves de laborioso alcance, hoje se encontram disponíveis online, acessível de qualquer local, possível de ser compartilhado e reelaborado pelos polegares dos jovens, disponíveis em sua maioria com não mais equívocos que as antigas enciclopédias e livros didáticos e muitas vezes documentado e explicado em múltiplas linguagens.

No fundo, conscientes ou não, esses jovens ao mostrarem desinteresses pelas escolas transmissoras de conhecimentos, conteudistas, que primam em seus processos pedagógicos pela memorização, padronização e universalização, ao tagarelarem enquanto professores discursam, estão apontando a todos que o saber magistral, tal qual inventado nos últimos séculos, não funciona com esses jovens e com as sociedades que eles estão reinventando. Talvez estejam nos informando que o mundo mudou, que os processos pedagógicos e as escolas precisam mudar radicalmente.

Precisamos assumir que a escola universalizada no século passado não tem mais sentido hoje, pois como nos alerta Michel Serres estamos iniciando uma nova era que assistirá a vitória da multidão anônima sobre as elites e que a polegarzinha e o polegarzinho não habitam mais o mesmo tempo, não têm mais a mesma cabeça, não habitam mais o mesmo espaço; que a cognição deles mudou. Prefiramos, assim, uma cabeça bem-construída a um saber acumulado como Montaigne e Michel Serres nos provocam, pois o saber acumulado já está disponível, documentado, explicado nas redes digitais online e nos livros impressos.

É neste cenário aberto, com mutações constantes e crises de representações que se apresenta esse número temático Culturas Digitais e Educação. Consiste em produções, análises, reflexões, a respeito dos impactos, potências, limites, expectativas a respeito das múltiplas e muitas vezes inesperadas conexões entre as culturas digitais e educações básica e superior. É um convite ao debate das necessárias transformações das instituições modernas de ensino e dos novos cenários, espaços, tempos, formas e conteúdos que reinventamos por meio dos diversos dispositivos digitais contemporâneos.

O primeiro texto desse número temático tem como título A APRENDIZAGEM UBÍQUA NA EDUCAÇÃO ABERTA de autoria de Lucia Santaella. Nesse trabalho a autora evidencia que as redes digitais se constituem não só em malhas de comunicação planetária, por onde perpassam compartilhamentos, solidariedades, controvérsias e conflitos, mas, sobretudo, constituem-se em espaços de difusão e acesso à informação e saberes. Nesse sentido, o artigo pretende discutir o papel que a aprendizagem ubíqua pode desempenhar no contexto de práticas e recursos educacionais abertos.

A CULTURA DIGITAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES é o artigo assinado por Joseilda Sampaio de Souza e Maria Helena Silveira Bonilla. Este texto é fruto dos resultados apresentados na pesquisa de mestrado em Educação - "Cultura digital e formação de professores: articulação entre os Projetos Irecê e Tabuleiro Digital", realizada com professores cursistas do curso de Pedagogia oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia aos professores da rede municipal de Irecê-Ba.

Para ampliar o debate sobre as culturas digitais o texto assinado por Simone Lucena e José Mario Aleluia Oliveira - CULTURAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI discute sobre questões como as tecnologias digitais passaram a representar, a partir da década de 70, papel fundamental na economia e no desenvolvimento dos países, gerando, segundo afirma Castells (1999), uma nova revolução tecnológica. O século XXI está sendo marcado pela universalização das tecnologias digitais e dispositivos móveis conectados em redes que nos colocam em constante interação com (ciber)espaços sócio-técnicos onde a comunicação ocorre em lugares não fixos registrado fatos e informações no instante em que eles acontecem. Os jovens são os que mais utilizam esta forma de comunicação tornando-a uma marca, um habitus dessa geração caracterizada, dentre outros fatores, pela grande imersão nas culturas digitais. Nesse sentido, as culturas digitais constitui-se hoje um dos grandes desafios para a educação e principalmente para a formação docentes, pois estes jovens que são autores e produtores nas redes sociais, na escola precisam ter outro comportamento condizente com um modelo de educação que prioriza a reprodução e a transmissão de informação. Neste texto, os autores trazem a experiência de formação dos bolsistas de iniciação à docência do Pibid-Pedagogia da UFS como uma possibilidade de trabalhar na formação docente a inserção das tecnologias digitais.

Máira Conceição Alves Pereira e Stela Guedes Caputo são as autoras do artigo intitulado DIALOGANDO COM NARRATIVAS DIGITAIS E APRENDIZAGENS NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ. Nesse texto as autoras colocam que as redes educativas nos formam com processos pedagógicos específicos e que os cotidianos representam um local de produção e recriação de conhecimentos e significações. As aprendizagens nos terreiros de candomblé acontecem tradicionalmente de forma oral. Contudo, com o advento da internet e das tecnologias da informação e da comunicação, esses saberes podem se espalhar indefinidamente, constituindo novas redes educativas.

O quinto artigo COMPOSIÇÕES HÍBRIDAS NA PESQUISA-FORMAÇÃO MULTIRREFERENCIAL cujos autores são Edméa Santos, Felipe da Silva Ponte de Carvalho e Rosmary dos Santos tem como objetivo investigar de que

maneira podemos propor práticas formativas colaborativas em Educação online com os cursistas da Disciplina Informática na Educação do curso de Formação de Professores e Licenciatura em Pedagogia à distância da UERJ/CEDERJ. A investigação apresentada no texto é fruto de uma pesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos que utilizou como dispositivos de pesquisa a plataforma Moodle e o site de criação de escrita colaborativa - wikispaces.

Dando continuidade às discussões sobre educação não presencial o artigo MLEARNING, CLOUD EDUCATION E COMPETÊNCIAS EM TIC: NOVOS RUMOS À PRÁTICA DO- CENTE de Anna Cecília Sobral Bezerra e Francislê Neri de Souza da Universidade de Aveiro discute as possibilidades de expansão do mLearning (Mobile Learning) com a aplicação da Cloud Computing na educação e as possíveis implicações no ensino e na aprendizagem, tendo como estratégia didática o questionamento e a argumentação. Também é debatido no texto a necessidade do desenvolvimento de competências docentes para o desenvolvimento do trabalho com as tecnologias de informação e comunicação.

Ainda com o tema educação online Daniela Melaré Vieira Barros, Cristina Sánchez Romero e José Antonio Moreira assinam o texto CENÁRIOS VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM, COLABORAÇÃO E INTERCÂMBIO: A COAPRENDIZAGEM COMO UMA ESTRATÉGIA DIDÁTICO PEDAGÓGICA tendo como principal objetivo caracterizar as diversas formas de coaprendizagem em cenários virtuais de aprendizagem. O referido trabalho apresenta uma análise descritiva suportada por referenciais bibliográficos, reflexões e discussões dos estudos realizados previamente pelos autores. Os resultados apresentados trazem assim um contributo para as estratégias pedagógicas emergentes para a educação tanto formal como informal realizadas nos diversos cenários e espaços online do ensino superior.

Ainda sobre educação online o artigo METAFETIVIDADE E GESTÃO EMOCIONAL EM COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM DE B-LEARNING de Sânya Rodrigues analisa de dados referentes à interação de pessoas de uma comunidade de aprendizagem b-learning sob a ótica da meta-

fetividade e gestão emocional. Trata-se de uma pesquisa que busca evidenciar a percepção dos alunos sobre a sua aprendizagem após o primeiro ano curricular no curso desenvolvido no Programa Doutoral em Multimédia em Educação da Universidade de Aveiro.

O penúltimo texto desse número temático trata sobre o REFERENCIAL PARA DESIGN DE INFOGRÁFICOS DIGITAIS APLICÁVEIS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA e tem como autores Lélia Caetano e Luís Otoni Meireles Ribeiro, Esse trabalho se propõe a relatar um estudo para a compreensão do design de infográficos digitais aplicáveis na educação profissional e tecnológica. A pesquisa desenvolvida fornece elementos para analisar as demandas de representação do conhecimento e orientar educadores e equipes de produção de material didático, quanto aos requisitos para criação e ou seleção de infográficos que venham contribuir com objetivos de ensino e da aprendizagem.

Finalizando esta coletânea o artigo O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE-PB de autoria de Giovanna Barroca de Moura e Ione dos Santos Souza tem como principal objetivo pesquisar e analisar a formação dos professores da educação infantil do Município de Alagoa Grande-PB para o uso das tecnologias midiáticas. Os resultados dessa investigação evidenciaram a deficiência de um planejamento voltado para o uso das TIC em sala de aula e a falta de preparo técnico-teórico e estrutural como alguns dos problemas encontrados no cotidiano de alunos e professores para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Esperamos que tenham ótimas leituras!

José Mário Aleluia Oliveira
Simone Lucena

***Número temático:
Culturas Digitais e
Educação***

